

O LUGAR DA SOCIOLOGIA DAS RELIGIÕES NA SOCIOLOGIA GERAL: UM BREVE OLHAR SOCIOLÓGICO

**The place of the Sociology of Religions in general Sociology:
A brief sociological view**

*Vítor Rosa **

Resumo:

A sociologia da religião não é apenas uma disciplina reconhecida hoje como um campo específico e importante da sociologia. É também um assunto que dá origem a cada vez mais investigação e investigações variadas, quando se trata de explicar e compreender o facto religioso no seu contexto social. Longe de experimentar “a retirada de Deus”, deixando “o mundo aos homens e às suas disputas”, como Durkheim observou no final do século XIX, as nossas sociedades estão a experimentar uma proliferação de crenças e de propagação de “novas religiosidades”, tanto a nível individual como coletivo. A fim de apreender estes fenómenos e processos sociais em grande escala, a sociologia da religião tem múltiplos quadros analíticos e grelhas interpretativas. Não sendo unificada, caracteriza-se pela diversidade das reflexões empreendidas pelos autores fundadores da disciplina, bem como pela variedade de abordagens e pela abundância de temas de investigação. É, por isso, que é conveniente, antes de mais, considerar as contribuições, ainda atuais, dos pioneiros da disciplina sociológica (Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim), que prestam particular atenção à religião, que é posta em causa nas sociedades industriais. Depois, será uma questão de caracterizar o singular objeto de estudo que constitui o facto religioso na nossa contemporaneidade, verdadeira aposta da sociologia das religiões, para, finalmente, apreciar as abordagens contemporâneas que abarcam a disciplina.

Palavras-chave: Sociologia, Religião, Sociedade.

Abstract:

Sociology of religion is not only a discipline recognized today as a specific and important field of sociology. It is also a subject which gives rise to more and more varied research and investigations when it comes to explaining and understanding the religious fact in its social context. Far from experiencing "the withdrawal of God", leaving "the world to men and their disputes", as Durkheim observed at the end of the 19th century, our societies are experiencing a proliferation of beliefs and the spread of "new religiosities", both at individual and collective level. In order to grasp these large-scale social phenomena and processes, the

sociology of religion has multiple analytical frameworks and interpretative grids. Not being unified, it is characterised by the diversity of reflections undertaken by the founding authors of the discipline, as well as by the variety of approaches and the abundance of research topics. It is therefore appropriate, first of all, to consider the contributions, still current, of the pioneers of the sociological discipline (Karl Marx, Max Weber and Émile Durkheim), who pay particular attention to religion, which is called into question in industrial societies. Then, it will be a question of characterizing the singular object of study which constitutes the religious fact in our contemporaneity, a true stake of the sociology of religions, to, finally, appreciate the contemporary approaches which embrace the discipline.

Keywords: Sociology, Religion, Society.

* Investigador no CICMER, Universidade Lusófona.

Introdução

A sociologia preocupa-se com os problemas da sociedade e esta é composta por nós e pelos outros. As sociedades humanas são, certamente, as realidades mais complexas que podemos encontrar neste mundo. A raiz etimológica da palavra diz-nos que uma sociedade é um conjunto de sócios (do latim *socii*), isto é, um conjunto de indivíduos que têm objetivos comuns e interesses afins, estabelecendo relações uns com os outros. Em sociologia, fala-se de fenómenos sociais e factos sociais, como sendo o objeto das ciências sociais. As duas expressões têm significados muito próximos: o primeiro, refere-se a um determinado tipo de factos com características comuns ou semelhantes; o segundo, designa um acontecimento concreto, localizado no espaço e no tempo.

A religião não existe no vácuo, fora da sociedade ou independente desta. Ela faz parte integrante do tecido social. É influenciada e determinada pelas relações sociais, as instituições sociais e os conflitos sociais. É um fenómeno social com um certo grau de especificidade e de autonomia no sistema social. Existe uma grande variedade de análises sobre esta questão difícil das ligações entre as sociedades e as religiões. Investigadores em filosofia, religião, história, psicologia, e outras ciências humanas e sociais, têm formas diferentes de ver as questões. A perspetiva aqui, neste capítulo, é sobre o ângulo da sociologia, enquanto uma forma específica e cientificamente fundada de conhecimento sobre a realidade social.

Os primeiros sociólogos (Émile Durkheim, Max Weber, entre outros), interrogando-se sobre as sociedades, foram conduzidos a estudar os fenómenos religiosos. Desde então, o olhar sociológico sobre o universo religioso não cessou de se renovar e de se enriquecer. O estudo da religião é um desafio e coloca importantes exigências à imaginação sociológica (Mills, 1970), ou seja, uma procura constante do cruzamento entre as histórias de vida individuais e as circunstâncias históricas em que elas se desenrolam. É imprescindível

analisar-se as práticas religiosas, tendo em conta as crenças e os rituais, que se encontram nas diferentes culturas humanas. É também importante reconhecer-se a diversidade dos modos de conduta.

Se a sociologia é ateia, como refere Laurin (1998), ela não hesita em se apropriar deste objeto de estudo se “Deus” se apresenta no seu caminho. Com efeito, a história religiosa representa um vasto campo de pesquisa e nada impede de adaptar os métodos e as problemáticas sociológicas.

Sociologia da religião

A religião faz parte dos objetos de estudo clássicos da sociologia, mas a partir dos anos 1950, tornou-se uma especialidade marginal, sobretudo marcada pelos laços estreitos com a história das tradições e a antropologia cultural (Lassave, 2019). Como refere Giddens (2004), “os debates sobre as perspectivas evolucionistas e sobre a criação da história”, revelando “duas maneiras muito diferentes de compreender as origens do homem” (p. 534). A variedade de crenças é tão díspar que os investigadores têm tido muita dificuldade em chegar a uma definição sobre o que é a religião. Nos países ocidentais, identifica-se a religião com o Cristianismo, ou seja, uma fé num ser supremo, obrigando-nos a um comportamento moral na terra, que nos promete uma vida além da morte. Mas, nestes termos, não é um fenómeno global. Estas crenças estão ausentes noutras religiões do mundo (Wilson, 1982).

Giddens (2004) sublinha que para se ultrapassar as “ciladas do pensamento cultural enviesado quanto à religião” (p. 535), é preferível começar por indicar o que não é religião. E ela não pode ser identificada apenas com a crença num só Deus (monoteísmo). Isto porque na maioria das religiões proliferam diversas divindades (Adriani, 1997). Por outro lado, a religião não deve ser identificada com “preceitos morais”, controlando o comportamento dos indivíduos. É falsa a ideia de que os deuses estão interessados no nosso comportamento terreno. A religião não se preocupa com explicações sobre

“como o mundo se tornou o que é”. Finalmente, a religião não deve ser identificada com o sobrenatural. Dito isto, o que é, então, a religião? O autor avança com as seguintes explicações: “as religiões implicam um conjunto de símbolos que invocam sentimentos de reverência ou de temor, ligado a rituais ou cerimônias” (Giddens, 2004, p. 535), que são realizados por uma comunidade de crentes. Os rituais são muito diversos e incluem orações, cânticos, canções, comer um determinado tipo de comida, jejuar, etc. Como diz Eliade (1983), “a existência humana só é possível graças a esta comunicação permanente com o Céu” (p. 47). A existência de cerimônias coletivas é vista pelos sociólogos como um dos fatores que distinguem a religião da magia.

A religião, nas sociedades tradicionais, desempenha um papel importante na vida social. As duas formas de religião nas culturas pequenas são o totemismo e o animismo. As três religiões monoteístas mais influentes na história do mundo são: Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo (Kepel, 1994, Vallet, 1996). Para além destas, existem também as religiões do Extremo-Oriente: Hinduísmo, Budismo, Confucionismo e Taoísmo. São consideradas “religiões éticas”. Estas religiões não têm Deuses. Valorizam ideais, relacionando o crente com o universo (Troeltsch, 1981). O universo “é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado por Deuses: ele participa, portanto, da santidade da obra dos Deuses” (Eliade, 1983, p. 48). “O homem religioso experimenta a necessidade de existir sempre num mundo total e organizado, num Cosmos” (Eliade, 1983, p. 57). Eliade (1983) sublinha que “para o homem religioso, a Natureza nunca é exclusivamente ‘natural’: está sempre carregada de um valor religioso” (p. 127).

As abordagens sociológicas da religião são influenciadas pelos três teóricos clássicos da sociologia: Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920). Na perspectiva de Elias (2008), “seja ou não sociólogo, quem abordar com ideias pré-concebidas as obras de grandes homens que durante o século XIX fizeram evoluir a ciência da sociedade, priva-

se de uma herança intelectual importante” (p. 35). Não sendo crentes, consideravam que a religião era importante e que iria diminuir nos tempos modernos. Acreditavam que ela era uma ilusão. Karl Marx nunca estudou a religião em detalhe. As suas ideias derivaram de outros autores do início do século XIX. Aceitou que a religião representa a alienação humana. Declararia que a religião era o “ópio do povo”. Segundo Elias (2008), “uma das maiores realizações de Marx, de maior utilidade para a evolução da sociologia, foi o facto de ter reconhecido a ascensão e a queda das classes sociais” (p. 198). Bourdieu (2002) sublinha que Marx rompeu com a representação normal do mundo social, fazendo ver que as relações “encantadas”, como as do paternalismo, escondem relações de força¹. Ao contrário de Marx, Émile Durkheim passou grande parte do seu tempo a estudar a religião. O seu estudo, publicado sob o título *As formas elementares da vida religiosa*, em 1912, é talvez o mais influente da sociologia da religião. Ele não relaciona a religião com as desigualdades sociais ou o poder, mas com a natureza geral das instituições² de uma sociedade. Distingue o que entende ser o sagrado e o profano³ (Eliade, 1983). Sustenta que os objetos sagrados e símbolos deverão ser tratados como separados dos aspetos da rotina, ou seja, do profano. Na sua perspetiva, as cerimónias e os rituais são fundamentais para manter a coesão do grupo. Max Weber, “grande sociólogo da síntese intelectual dos dados empíricos, pensador de grande intuição, que se esforçou por clarificar as categorias básicas da sociologia” (Elias, 2008, p. 127), também efetuou um estudo profundo sobre as religiões do mundo. Foi um trabalho de grande alcance e de análise comparativas

¹ O conceito marxista de classe social baseia-se na posse ou não posse de meios de produção. Daqui derivam dois grupos principais de classes sociais: as classes possidentes (burguesia) e as classes não possidentes (proletariado).

² As instituições sociais assumem um papel fundamental no processo de reprodução social, isto é, na manutenção da ordem social (resulta de um processo histórico da evolução da sociedade). A reprodução social é entendida como o processo que visa assegurar a ordem social estabelecida, quer no presente, quer na projeção para o futuro.

³ Bourdieu (2002) realça que a religião, que, segundo Durkheim, se define pela instauração de fronteiras entre o sagrado e o profano, é apenas um caso particular de todos os atos de estabelecimento de fronteiras, pelo qual são instauradas as diferenças de natureza entre as realidades, em realidade separadas por diferenças infinitesimais, por vezes, de difícil apreensão.

importantes (Vidal, 2007). Estudou em pormenor o Hinduísmo, o Budismo, o Taoísmo e o Judaísmo. Na sua obra *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, publicado em 1904, debateu o impacto do Cristianismo. Segundo Bourdieu (2002), Weber “estendeu a análise económica (no sentido generalizado) a campos⁴ normais abandonados pela economia, como a religião. Assim, ele caracteriza a Igreja, por uma magnífica fórmula, como detentora do monopólio da manipulação dos bens da salvação” (p. 25). Giddens (2004) realça que os seus estudos diferem dos de Durkheim, dado que concentrou a sua atenção para a religião e as mudanças sociais⁵. Também são diferentes dos trabalhos de Marx, uma vez que entende que a religião não é uma força conservadora. Os movimentos inspirados na religião têm provocado transformações sociais (Wallis, 1984). Relativamente ao Cristianismo, considera que ele é uma religião de salvação, isto é, todos os crentes podem ser salvos se adotarem a fé religiosa e seguirem determinados preceitos morais. Sobre o Hinduísmo, vê-o como uma religião do outro mundo. Os seus valores exaltam a fuga das fadigas do mundo material.

Segundo Giddens (2004), os três autores (Marx, Durkheim e Weber) identificaram características gerais sobre a religião e os seus pontos de vista podem ser complementares.

Tipos de organização religiosa e género

Existem diferentes tipos de organização religiosa. “Todas as religiões implicam comunidades de crentes, mas estas encontram-se organizadas de maneiras muito diferentes” (Giddens, 2004, p. 543). Torna-se importante distinguir o que são igrejas e o que são seitas. A igreja é um corpo estabelecido, hierarquizada e apresenta uma burocracia formal. Segundo Bourdieu (2001), “a

⁴ Segundo Bourdieu (2002), um campo é um universo, no qual as características dos produtores são definidas segundo a sua posição na relação de produção e pelo lugar que ocupam num certo espaço de relações objetivas.

⁵ O conceito de mudança social acentua o carácter instável, dinâmico e aberto à transformação da ordem social existente. A mudança é um fenómeno complexo e apresenta dificuldades quanto à sua observação, interpretação e compreensão.

Igreja apoia-se em princípios de visão (disposições constitutivas da “crença”), no sentido de “orientar as representações ou as práticas” (p. 149). Mas ela é também, segundo o meu autor, “um empreendimento com uma dimensão económica, capaz de assegurar a sua própria perpetuação apoiando-se, diferentes espécies de recursos” (p. 149). Uma seita é um grupo de crentes mais pequeno e não é tão hierarquizada (Fillaire, 1995). Surge até como protesto contra uma igreja (exemplos: Calvinistas e Metodistas). As seitas procuram descobrir o caminho da verdade, seguindo-o. Fillaire (1995) chama de seita “um grupo qualquer, sem ter em conta a sua ideologia, a sua doutrina, a sua crença, no qual se pratique a manipulação mental que resulte numa destruição da pessoa no plano psíquico (...), da sua família, das suas relações e da sociedade” (p. 9).

É importante também referir que as mulheres são excluídas do poder (Vallet, 1994; Meyers & Dinan, 2001). E isso é uma característica de todas as principais religiões (Starkey & Tomalin, 2022; Sirri, 2022). No Budismo, elas são autorizadas a serem freiras. Na religião cristã as mulheres como ministros do culto são aceites por certas seitas e denominações religiosas, mas na igreja católica e anglicana persistem as desigualdades de género. Os ensinamentos da igreja encorajam as mulheres a serem esposas e mães. Com os movimentos feministas, as organizações pressionam as autoridades católicas no sentido de liberalizarem as suas posições (Klassen, 2009). Creem que podem representar Cristo tão bem como os homens (Starkey & Tomalin, 2022).

A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em Roma, em 1977, declarou que as mulheres não eram admitidas no sacerdócio católico. Apesar da sua tentativa de liberalização, mais vincada do que a igreja católica, a igreja Anglicana também afasta as mulheres. Até 1992, na igreja de Inglaterra as mulheres poderiam ser diaconistas, mas não sacerdotisas. Se a partir desta data, foi votado a abertura do sacerdócio às mulheres, muito grupos manifestaram-se contra. Consideram que é um desvio blasfemo da verdade bíblica (Crawford, 1996; Bailey, 1997; MacLeod, 1997).

Religião, secularização e mudança social

O debate sobre a secularização é talvez o mais complexo em sociologia da religião. De forma simples, existe um desacordo entre os apoiantes da secularização, que concordam com os fundadores da sociologia e veem a religião a perder a sua importância no mundo, e os que se opõem ao conceito, argumentando que a religião continua a ser significativa e tem uma enorme força nas sociedades (Westerlund, 1996; Sharma & Aune, 2017).

A secularização é um conceito sociológico (Dhima & Golder, 2020). Para Giddens (2004), ela pode ser avaliada segundo um determinado número de dimensões. Uma dessas dimensões tem a ver com o nível de adesão às organizações religiosas. As estatísticas e os registos oficiais podem indicar quantas pessoas pertencem a determinada igreja, quantas vão à missa ou a outras cerimónias religiosas. Uma outra dimensão é o grau de influência social, riqueza e prestígio das igrejas ou de outras organizações religiosas⁶. A terceira dimensão diz respeito às crenças e aos valores. Giddens (2004) designa de religiosidade.

Parece ser uma evidência que a influência da religião tem diminuído nas três dimensões da secularização (Giddens, 2004). Donegani (2008) refere que todos os inquéritos sociológicos convergem para o diagnóstico sobre a diminuição da religião institucional nos países católicos e nos países protestantes. O autor realça que a secularização libertou o indivíduo do poder religioso, mas não afastou a sociedade de qualquer questionamento de senso comum e da sua ordenação ao universal. Se, atualmente, a questão da transcendência pode ser deixada às escolhas individuais, a questão da transcendência é um assunto da esfera pública.

⁶ Para medir a influência da Igreja, Bourdieu (2001) sugere a substituição dos inquéritos sobre os praticantes e a intensidade da sua prática por “um recenseamento dos postos que encontram a sua razão de ser na existência da Igreja e da crença cristã” (p. 150). Na sua perspetiva, o poder temporal da Igreja assenta no controlo desses postos, baseados numa lógica económica (peregrinações, atividades de imprensa confessional, estabelecimentos de ensino religiosos, indústrias de rosários ou de imagens piedosas, etc.).

Vergote (1983) destaca que um juízo objetivo sobre o significado e a influência da secularização é muito difícil porque muitos dos que lutam por uma civilização moderna e secularizada desenvolveram o mito de uma civilização feliz, perfeita e livre, porque é livre de Deus e da miséria humana. O termo secularização tem, portanto, uma carga ideológica que deve ser distinguida da carga histórica e sociológica.

Novos movimentos religiosos

Com o declínio da frequência nas igrejas tradicionais, vão surgindo outras formas de atividade religiosa. Os sociólogos utilizam o termo de “novos movimentos religiosos”. Incluem uma grande diversidade de grupos (espirituais, auto-ajuda, seitas). Muitos desses movimentos têm origem nas tradições da religião, como o Hinduísmo, o Cristianismo ou o Budismo. Giddens (2004) realça que “a pertença aos novos movimentos religiosos consiste sobretudo, em convertidos, e não por indivíduos educados numa fé particular” (p. 556). Como explicar o seu sucesso? Os novos movimentos religiosos devem ser vistos como uma resposta à liberalização e de secularização na sociedade (Lantenari, 1963). Os indivíduos sentem algum conforto em grupos mais pequenos e menos impessoais. Avança-se também que os indivíduos precisam de se ligar aos próprios valores e crenças face à instabilidade e incerteza do mundo (Barker & Warburg, 1998). Giddens (2004) destaca que um outro fator pode ser por eles serem “apelativos para as pessoas que se sentem alineadas da sociedade dominante” (p. 557).

O movimento “New Age” surge da contracultura dos anos 1960 e 1970. Envolve um vasto espectro de crenças, práticas e estilos de vida (Sutcliffe & Gilhus, 2013). Heelas (1996) diz que este movimento está, sobretudo, ligado à auto-espiritualidade (Possamai, 2005). Ajudam a descobrir a espiritualidade interior e a abandonar o adquirido pelo processo de socialização, isto é, o processo através do qual as crianças, ou outros novos membros da sociedade,

aprendem o modo de vida da sociedade em que vivem. O autor defende que as atividades “new age” devem ser vistas como parte integrante de um trajeto cultural.

Fundamentalismo religioso

O fundamentalismo religioso é abordagem desenvolvida por grupos religiosos que apelam a uma interpretação literal das escrituras (Armstrong, 2005). Neste sentido, acreditam que as doutrinas que aí emergem deveriam ser aplicadas na vida social, económica e política. Numa tentativa de definição, Leroux (2002) realça que o fundamentalismo pode ser entendido como sendo a posição daqueles que acreditam na existência eterna de uma verdade universal e acreditam que a possuem em virtude de uma revelação. Giddens (2004) refere que a “força do fundamentalismo religioso é um outro indicador de que a secularização não triunfou no mundo moderno” (p. 561). O fundamentalismo religioso é um fenómeno recente. Surge como resposta à globalização, termo genericamente utilizado para identificar as profundas transformações operadas nas sociedades e na economia internacional, como resultado do aumento das relações de interdependência (económico, político, social e cultural).

Colocamos aqui em perspetiva o fundamentalismo islâmico e o cristão. O primeiro remete para os aspetos do Islamismo, como religião tradicional. Ele tem estimulado o ativismo religioso. O Alcorão apresenta várias instruções para os crentes “lutarem pelo caminho de Deus”. O segundo remete para a Bíblia, como um guia prático para os diferentes assuntos da humanidade. Os fundamentalismos são uma reação contra a “crise moral” provocada pela modernização. Procuram converter os não crentes (Baba-Ahmed, 2020).

Giddens (2004) sublinha que “o fundamentalismo está vinculado à possibilidade de violência – nos casos do fundamentalismo islâmico e cristão, os exemplos de violência inspirados na filiação religiosa são comuns” (p. 567).

Se o fundamentalismo é a verdade da religião e a sua exposição essencial, como tantas pessoas religiosas afirmam atualmente, torna-se urgente pensar nela e criticá-la como uma formulação da violência e do compromisso político das religiões. Voltar às origens é, de facto, querer romper com o que é entendido como um processo de diluição na modernidade; é também querer pôr um fim a um processo hermenêutico que trabalha para reler os textos fundadores, a fim de explicar a sua origem comum e para tentar restaurar em cada tradição a sua autonomia e os seus princípios de leitura. Em muitos aspetos, o fundamentalismo religioso representa uma posição radicalmente oposta àquela que é apresentada pelo pensamento Iluminista. Segundo Baba-Ahmed (2020), a paz entre as comunidades das três religiões monoteístas só pode ser alcançada se cada uma delas se repensar a si própria como parte de um todo. A paz não pode ser alcançada apenas através do medo da guerra.

Conclusão

A sociologia preocupa-se com as pessoas e as suas interdependências. Ela tem o triste privilégio, como refere Bourdieu (2002), de se confrontar incessantemente com a questão da sua cientificidade. Através da observação dos factos, os cientistas sociais esforçam-se por substituir mitos, ideias religiosas, especulações, etc. A religião existe em todas as sociedades conhecidas, mas as crenças e as práticas religiosas variem de cultura para cultura. Como no domínio das ideologias, as verdades só o são na medida em que os crentes ou adeptos as aceitam ou delas estão convictos.

Sabemos também que todas as religiões envolvem um conjunto de símbolos, que implicam sentimentos de reverência ligados aos rituais praticados por uma comunidade de crentes. O Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo são as três religiões mais influentes no mundo. As abordagens sociológicas da religião têm sido muito influenciadas pelas ideias de Marx, Durkheim e Weber.

Podemos também concluir que a secularização é o declínio da influência da religião. Medir isto é extremamente complicado, pois estão envolvidas várias dimensões de análise. Se é certo que a influência da religião diminuiu, ela não está prestes a desaparecer. E ela continua a ser um fator de divisão dos indivíduos. As mulheres têm sido excluídas das hierarquias religiosas.

No caso dos novos movimentos religiosos, verifica-se que eles envolvem um amplo leque de grupos religiosos e espirituais, cultos e seitas. O fundamentalismo tornou-se comum entre alguns crentes, afetando muitos países.

Terminamos, referindo que a sociologia engloba uma variedade de perspectivas teóricas. A discordância entre as diferentes posições é bastante extensa, mas esta diversidade deve ser vista como um sinal de vitalidade e não como uma fraqueza.

Bibliografia

- ADRIANI, M. (1997). *História das religiões*. Edições 70.
- ARMSTRONG, K. (2005). *Le combat pour Dieu. Une histoire du fondamentalisme juif, chrétien et musulman (1492-2001) : une histoire du fondamentalisme juif, chrétien et musulman, 1492-2001*. Seuil.
- BABA-AHMED, M. (2020). *Fondamentalisme et terrorisme*. L'Harmattan.
- BAILEY, E. (1997). *Implicit religion in contemporary societies*. Kampen.
- BARKER, E., & Warburg, M. (Coord.) (1998). *New religions and new religiosity*. Aarhus University Press.
- BOURDIEU, P. (2001). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Celta Editora.
- BOURDIEU, P. (2002). *Questions de sociologie*. Les Éditions de Minuit.
- CRAWFORD, P. (1996). *Women and religion in England 1500-1720*. Routledge.
- DHIMA, K., & GOLDBERGER, M. (2020). *Secularization theory and religion*. Cambridge University Press.
- DONEGANI, J.-M. (2008). La sécularisation et ses paradoxes. *Revue Projet*, 5(306), 39-46.
- DURKHEIM, E. (2000 [1912]). *As formas elementares da vida religiosa*. Martins Fontes.
- ELIADE, M. (1983). *O sagrado e o profano: a essência das religiões* (tradução: Rogério Fernandes). Edição Livros do Brasil.
- ELIAS, N. (2008). *Introdução à sociologia*. Edições 70.
- FILLAIRE, B. (1995). *As seitas*. Instituto Piaget.
- GIDDENS, A. (2004). *Sociologia* (4.ª edição). Fundação Calouste Gulbenkian.
- HEELAS, P. (1996). *The new age movement: the celebration of the self and the sacralization of modernity*. Blackwell.
- KEPEL, G. (1994). *The revenge of God: the resurgence of Islam, Christianity and Judaism in the modern world*. Polity.

- KLASSEN, P. (2009). *Women and religion*. Routledge.
- LANTENARI, V. (1963). *De religions of the oppressed: a study of modern messianic cults*. Knopf.
- LASSAVE, P. (2019). *La sociologie des religions : une communauté de savoirs*. Éditions de l'EHESS.
- LAURIN, N. (1998). La question de Dieu dans la sociologie. *Théologiques*, 6(2), 25-32. <https://doi.org/10.7202/024960ar>
- MACLEOD, H. (1997). *Religion and the people of western Europe, 1789-1989*. Oxford University Press.
- MEYERS, D., & DINAN, S. (2001). *Women and religion in old and new worlds*. Routledge.
- MILLS, C. (1970). *The sociological imagination*. Penguin.
- POSSAMAI, A. (2005). *In search of new age spiritualities*. Routledge.
- SHARMA, S., & AUNE, K. (2017). *Women and religion in the west: challenging secularization*. Routledge.
- SIRRI, L. (2022). *Islamic feminism: discourses on gender and sexuality in contemporary Islam*. Routledge.
- STARKEY, C. & TOMALIN, E. (Ed.) (2022). *The Routledge handbook of religion, gender and society*. Routledge.
- SUTCLIFFE, S., & GILHUS, I. (2013). *New Age spirituality: rethinking religion*. Routledge.
- TROELTSCH, E. (1981). *The social teaching of the Christian churches*. University of Chicago Press.
- VALLET, O. (1994). *Femmes et religions*. Gallimard.
- VALLET, O. (1996). *As religiões no mundo*. Instituto Piaget.
- VERGOTE, A. (1983). *Religion et sécularisation en Europe occidentale. Tendances et perspectives*. *Revue théologique de Louvain*, 14(4), 421-445.
- VIDAL, D. (2007). Max Weber, Sociologie de la religion. *Archives de sciences sociales des religions*, 140, 157-310. <https://doi.org/10.4000/assr.12183>
- WALLIS, R. (1984). *The elementary forms of new religious life*. Routledge and Kegan Paul.
- WEBER, M. (2015 [1904]). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Almedina.
- WESTERLUND, D. (Coord.) (1996). *Questioning the secular state: the worldwide resurgence of religion in politics*. C. Hurst.
- WILLAIME, J.-P. (2021). *Sociologie des religions*. Que sais-je ? PUF.
- WILSON, B. (1982). *Religion in sociological perspective*. Oxford University Press.
- LEROUX, G. (2002). Fundamentalisme et modernité : les trois monothéismes et les impasses de la raison. *Horizons philosophiques*, 13(1), 71-89. <https://doi.org/10.7202/801225ar> (consultado em 15/11/2023).